

Quando as Mulheres Amam: A construção do amor romântico na literatura de autoria feminina

When Women Love: The construction of romantic love in literature written by women

*Gabriela Machado Silveira*¹
*Adriana Maria de Abreu Barbosa*²

RESUMO

Esse trabalho objetiva analisar criticamente a produção discursiva de duas escritoras nordestinas, a saber: Rachel de Queiroz e Heleusa Câmara. Especificamente, busca-se averiguar como três personagens femininas em obras dessas autoras lidam com o amor romântico, se alguma delas o rejeita, critica, ou o tem como objetivo de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Amor romântico. Gênero. Literatura de Autoria Feminina.

ABSTRACT

This research aims to critically analyze the discursive production of two northeastern writers, namely: Rachel de Queiroz and Heleusa Câmara. Specifically, it seeks to find out how three female characters in the works of these authors deal with romantic love, if any of them rejects, criticizes, or has it as their life objective.

KEYWORDS: Romantic Love. Gender. Literature Written by Women.

* * *

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.*

Luís Vaz de Camões

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: gabrielasilveira01@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9939-3681>.

² Doutora em Semiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: amabarbosa@uesb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3525-9413>.

Introdução

É sabido que o amor é um sentimento superestimado que preenche corações, alimenta a alma e inspira artes diversas, em especial a literatura. Nesse campo, o comportamento romântico ocupou lugar de força motriz para a produção de diversos poetas e até mesmo movimentos literários. O amor cortês, por exemplo, trabalhado desde as primeiras aulas de literatura no ensino médio, até às disciplinas literárias dos cursos de graduação em Letras, goza de uma posição importante ao estudar marcos da literatura mundial, tais como a manifestação trovadoresca e o Romantismo.

Todavia, o amor não é só relevante nas artes, mas também nas construções de metas de vida da população ocidental. Viver sem amor, sem relacionar-se de forma afetivo-sexual com alguém, pode ser sinônimo de infelicidade, de desqualificação enquanto pessoa e, muitas vezes, em primazia para a mulher, a ausência do relacionamento amoroso pode resultar em rótulos de rejeição que são construídos com base em uma noção gendrada³ do que é ser mulher na cultura ocidental.

A figura feminina sempre permeou a escrita literária. Sua beleza, inocência, passividade e cuidados sempre foram louvados por poetas enamorados, entretanto, essa imagem feminina era sempre descrita pelos olhos masculinos, tornando-se objeto das expectativas do homem. Contar, pois, a feminilidade, a forma de amar e a forma de desejar, através das palavras das próprias mulheres foi um ato revolucionário e subversivo que as escritoras tiveram a coragem de encarar. Registrar a própria relação e maneira de ver o amor traz a possibilidade de problematizar a perspectiva masculina de descrever a expressão romântica na literatura, cuja característica preocupante é a de ser uma visão universalizante. Será a

³ O termo gendrada ou gendrado é utilizado aqui na forma como cunhado por Teresa de Lauretis (1994), que o utiliza para se referir à marcação de gênero. Referir-se a uma noção gendrada trata-se, portanto, de dedicar-lhe um olhar pautado na diferença e construção do gênero, que acaba sendo um fator determinante para a constituição identitária do sujeito.

perspectiva romântica feminina igual à do homem? Ou ainda: como o amor romântico é encarado pela mulher?

Com efeito, para tentar responder a questões como essas, serão levantadas discussões que encerram argumentos ambíguos. Como expressam os versos de Camões, o sentimento amoroso parece algo tão misterioso que pode fazer doer sem a percepção consciente do sujeito, pode fazer arder sem necessitar da chama alguma, pode até mesmo se mostrar como descontentamento o que deveria ser sinônimo de felicidade. Veremos aqui que tais dualidades parecem realmente perpassar perspectivas, tanto teóricas como literárias.

É importante pensar, antes de tudo, que o amor enquanto sentimento individual de cuidado, afeto ou paixão não será questionado aqui, mas sim a construção ocidental do amor romântico. Veremos, portanto, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Teun A. van Dijk (2010), o mundo de acordo com uma perspectiva ideológica bem marcada pelo viés de gênero, além disso, à luz da Crítica Feminista, observaremos como duas autoras brancas nordestinas retratam a forma como suas protagonistas lidam com o amor romântico. Antes, porém, é válido compreender um pouco mais a respeito desse tal sentimento amoroso construído e ainda em construção.

A construção do amor romântico, da sexualidade e do gênero

Na perspectiva ocidental, amor romântico e sexualidade estão intimamente relacionados e, sabendo do histórico regime patriarcal de acordo com o qual pautamos nossa cultura, as diferenças sexuais e de gênero também se tornam elementos vinculados a este assunto. Joel Birman (2016), psicanalista brasileiro, estudioso de Sigmund Freud, afirma que a “constituição de um discurso sobre a diferença sexual é um acontecimento bastante recente na história do Ocidente” (BIRMAN, 2016, p. 33), datada entre o final do século XVIII e início do século XIX. Esse discurso foi forjado, segundo o autor, de acordo com o modelo masculino de observar a questão,

que antes de reconhecer a existência de dois sexos, pautava-se na crença de um sexo único, que seria o modelo perfeito, almejado por todas as pessoas, ou seja, o sexo masculino.

Uma vez reconhecida a diferença sexual, começa-se a pensar como seria o ideário de sexualidade dos gêneros. Ao homem, como se sabe, foi permitido um papel mais livre, no qual a expressão da sexualidade permitia mais facilmente a ruptura das regras. À mulher, porém, o assunto sexual limitou-se a dois aspectos ambíguos, isto é, à figura sexual da mulher relacionou-se a maternidade e o erotismo (BIRMAN, 2016, p. 59). Com efeito, cria-se, pois, dois padrões sexuais femininos: a “boa mulher” via a sexualidade como caminho para conceber filhos legítimos e honrar tanto o marido como a instituição familiar, a “má mulher” fazia uso do erotismo para satisfazer os prazeres físicos masculinos e alimentavam seus pecados luxuriosos. Assim, constituiu-se um discurso de diabolização do desejo feminino, que, quando existisse, poderia ser responsável por desviar as mulheres do caminho virtuoso da maternidade (BIRMAN, 2016, p. 64-65).

Nesse interim de modulação da sexualidade, Michel Foucault (2017) também alerta para o efeito do discurso de dispositivos reguladores que promovem essa ação. Para o autor, a escola é um dos aparelhos responsáveis por educar e censurar as crianças a respeito do próprio corpo, contribuindo para o ensinamento do que seria uma sexualidade permitida ou não. A medicina, por sua vez, interessada também num discurso de biopoder que almejava a manutenção de pessoas saudáveis para o crescimento direto da nação, produzia um discurso sexual dentro dos critérios implantados para a saúde e com a ajuda da psiquiatria, rotulava e bania o que era considerado pervertido, imoral ou abominável.

Dessa forma, expressava-se uma sexualidade construída a partir dos critérios burgueses da era vitoriana, que fora considerada como modelo padrão universalizante graças aos investimentos dos campos religiosos, educacionais e da saúde. Destarte, a tese de Foucault é, portanto, a de que existe uma “tecnologia sexual” que produz e normaliza certas práticas sexuais

ao mesmo tempo em que destina a outras o lugar da marginalização e até mesmo demonização.

Com efeito, sendo a sexualidade encarada como tecnologia sexual, ela também é considerada como um produto temporalizável, isto é, os interesses ideológicos do sujeito histórico de determinada época intervêm diretamente em sua constituição. Hoje, por exemplo, com a diminuição da influência religiosa, das ações dos movimentos feministas, LGBT e *queer*, a sexualidade encara patamares outros, muito mais relacionados ao prazer, erotismo e livre exploração do desejo⁴.

Dito isso, como já mencionado, há uma íntima relação entre o sentimento amoroso e a sexualidade, até porque, durante muito tempo, a segunda não poderia ser manifestada fora dos muros do primeiro. Para o psicanalista brasileiro Jurandir Costa (1998), concordando, ao mesmo tempo que tece uma crítica à teoria de Foucault, a elaboração do amor romântico, aspecto não mencionado pelo teórico francês, também seria resultado de uma espécie de tecnologia amorosa, que nos ensina a lidar com tal sentimento. Assim, para o psicanalista, o amor se trata de uma invenção da humanidade, tal qual o fogo, a roda, a medicina, o casamento, ou seja, o amor romântico nada mais seria do que uma “crença emocional” (COSTA, 1998, p. 12).

Sabendo do aspecto invencionista do amor e como ele costuma ser tratado como algo imanente e universal, Costa apresenta quais seriam os ideais que sustentam o credo amoroso universal. Essa perspectiva constrói o

⁴ Como esse trabalho corrobora com a produção de uma análise crítica do discurso, não poderíamos deixar de pontuar que, mesmo com a ação desses movimentos subversivos e marginalizados, o discurso de liberdade de sujeitos diversos enfrenta um ataque de forças conservadoras. Em 2020, sob as tensões pandêmicas do mundo, ainda estamos frente a frente com uma onda de retorno a padrões morais dos séculos passados, que tendem a regular não só a sexualidade, mas também outras maneiras de expressão afetiva. A extrema direita no Brasil recupera posturas repressivas da sexualidade e se vale de formas legitimadas de poder, tal como o discurso do atual Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, presidido pela advogada e pastora evangélica Damares Regina Alves, para promover a retomada de noções como culpabilização moral e religiosa por investidas sexuais dentro e fora do casamento, por exemplo. Assim, ressaltamos que o avanço foi comprovado no contexto acima citado, mas não deixamos de perceber a mão conservadora que paira sobre esses discursos no século XXI com intuito de anular conquistas já alcançadas.

amor romântico como um sentimento universal e natural, não sendo regido pela razão, representante e requisito fundamental para a felicidade máxima. Para o autor, esse sentimento é, na verdade, pautado em uma boa dose de narcisismo e descomprometimento com o outro, e está envolto em uma grande aura de “violência, competição, frivolidade, superficialidade, egoísmo desenfreado e indiferença” e provavelmente não pode “sobreviver ao desmoronamento da moral patriarcal” (COSTA, 1998, p. 21).

Para Costa, em consonância com o que assevera Foucault, o amor romântico foi normatizado como sinônimo de felicidade da mesma forma que o discurso médico-científico normatizou as experiências de prazer das pessoas. O fato é que todos esses mitos em torno do sentimento romântico fazem com que pensemos que, como já dito, ele seja universal, todavia, é algo que surge em especial na cultura do ocidente.

Muito relacionado ao Romantismo, o amor romântico inspira-se no amor cortês, tipicamente pertencente à classe dominante, à mística católica e ao pensamento político-filosófico do período romântico que contou com uma grande expressão no campo literário (COSTA, 1998, p. 63). Para Jurandir Costa, as linhas gerais do jogo amoroso são três: a escolha, o desejo e o ciúme, entretanto, o princípio da escolha é contraditório sendo que, prevendo uma noção de liberdade, é na verdade pautado na ideia de posse, uma vez que nessa forma de amar exige-se exclusividade afetiva e sexual. Ou seja, a contradição estaria no fato de, sendo o parceiro livre para se relacionar com outro indivíduo, a liberdade de escolha seria palco para o desafio, ciúme e vontade de dominação. Nas palavras do autor:

O amor romântico só frutificou onde a cultura burguesa impôs as regras da satisfação emocional individualista. Em favor do que dizem, mostram o avesso das promessas de felicidade amorosa: a “proteção” contra a solidão nunca produziu tantos solitários, a “competência para amar” forma legiões de “incompetentes” e o mundo dos felizes nada mais é do que bufonaria com ares de seriedade. (COSTA, 1998, p. 147)

A partir de um estudo de Morton Hunt, Jurandir Costa apresenta-nos aos “artigos de fé” do romantismo americano. O primeiro deles diz respeito à

exclusividade afetiva e sexual, que exige apenas um parceiro ou parceira que seria “a pessoa certa”, predestinada como uma alma gêmea. O segundo artigo de fé diz respeito à condição de apaixonamento, que acaba pulando fases de conhecimento, aproximação e construção da confiança na pessoa amada, sendo, pois, uma espécie de cegueira do amor. O terceiro seria o fato da pessoa apaixonada obliterar os defeitos do outro, cujas ações nunca são vistas com o impacto que realmente têm. O último artigo de fé do romantismo americano diz respeito à noção de que o amor “tudo vence”, “tudo suporta”.

Essas utopias amorosas, apesar de ainda serem repetidas nos relacionamentos românticos ocidentais, possuem, sobretudo, uma explicação que circunda a lógica do capital. Falar sobre “amor”, como muitos pensam, não é somente trabalhar com afetividade, pois o amor necessita, antes de tudo, de condições estratégicas para acontecer. Hunt aponta que depois da Grande Depressão americana, nas primeiras décadas do século XX, seria mais fácil sustentar-se de acordo com os ideais de relacionamentos monogâmicos. Assim, o casal estaria junto nos momentos de maiores incertezas, trabalhando em prol da sustentação dos seus recursos.

Todavia, uma das formas de implantar e reafirmar a necessidade dessa forma de se relacionar, se tratava de investir na construção da força do sentimento amoroso. Aqui, encontra-se uma outra contradição do discurso romântico, que afirma que o amor tudo suporta, enquanto a própria forma de amar, na vida real, depende de fatores mais realistas: “Na verdade, o encontro com a ‘pessoa certa’ se dá, na maioria dos casos, na vizinhança homogâmica de classe social, homogeneidade cultural ou igualdade econômica dos parceiros” (COSTA, 1998, p. 149).

A análise de Costa ainda denuncia que são raros os casos, muitas vezes realizados como forma de rebeldia contra os pais, tal qual no amor cortês, nos quais uma pessoa se casa com outra que tenha uma diferente raça, classe, etnia, religião ou faixa etária. Ainda, recorrendo a discursos de psicanalistas, Costa assevera que o apaixonamento pode ser um “estado obsessivo”, que

desperta tendências sadistas e masoquistas, fazendo confundir sentimentos de amor com manifestações obscuras de existir com o outro. Para o autor:

Em geral, ama-se pessoas cujos padrões estéticos, situação de classe, pertencimento étnico ou racial, condição econômica, crença religiosa ou convicções políticas preenchem as expectativas culturais do candidato ao amor. Jovens brancos, ricos, bonitos, inteligentes, cultos e sofisticados dificilmente se apaixonarão por pessoas subalternas, pobres, velhas, feias, negras ou rudes intelectualmente. (COSTA, 1998, p. 171)

Nota-se que, assim como a sexualidade, são diversas as instituições que colaboram com a construção do amor romântico. Retornando ao interesse do mercado de consumo, integra-se ao sentimento amoroso a mesma lógica dedicada à propriedade privada, reivindicando seu direito de posse. Sendo pautado nessa noção, presume-se que uma das partes constituintes do vínculo amoroso possui poder sobre a outra. Crises conjugais são, portanto, previsíveis, uma vez que não há direito de voz igualitária a ambas as partes. Todavia, o que se presumiria como essa tal crise conjugal, seria, na verdade, uma crise estrutural (ROUGEMONT *apud* COSTA, 1998, p. 154), uma vez que nossos motivos para amar e encarar o amor são problemáticos. Acontecendo ou não, se o amor for sinônimo de frustração, normalmente a figura feminina é a mais vitimada por essa condição: “Numerosas mulheres ‘se encontram sozinhas e frustradas porque jamais foram tocadas pela flecha envenenada do que imaginam ser o amor romântico” (ROUGEMONT *apud* COSTA, 1998, p. 155).

Os homens, principalmente os homens brancos, são os protagonistas do regime capitalista. Segundo bell hooks (2014), até mesmo homens negros norte-americanos submeteram suas esposas, antes inspiradas pelo ideário de revolução feminista, à conformidade do patriarcado capitalista no intuito de viver o sonho da família nuclear. O capitalismo é, pois, a garra que modula o patriarcado e faz com que este sobreponha à mulher a mesma lógica de objeto que a propriedade privada possui. Assim, o casamento passa a ser um contrato, pautado na divisão sexual, no qual o homem recorre ao espaço público para o sustento familiar e do sistema e a mulher é responsável por um

trabalho de âmbito privado, não remunerado, mas sem o qual não seria possível a fácil mobilidade masculina no mercado. Como observa bell hooks, por volta dos anos 1940 nos Estados Unidos,

Seguindo o exemplo dos patriarcas masculinos brancos, os homens negros estavam obsessivamente preocupados em afirmar a sua masculinidade, enquanto as mulheres negras imitavam o comportamento [d]as mulheres brancas e eram obsessivas quanto à feminilidade. [...] Os homens brancos, como os homens negros, queriam ver todas as mulheres menos assertivas, dependentes e desempregadas. (BELL HOOKS, 2014, p. 127)

Assim, em sustentáculos de padrões capitalistas e patriarcais, o amor romântico se ergue como uma potência que explora e objetifica as mulheres, sejam elas negras ou brancas, e as querem contidas financeira, sexual, afetiva e intelectualmente. Como afirmou Jurandir Costa, se o patriarcado ruir, o amor romântico não sobrevive, uma vez que essa forma de amar é muito mais fruto de uma estrutura social específica do que do âmbito das emoções de fato.

Nota-se, pois, que as mulheres sentem em demasia a pressão por se enquadrarem aos critérios monogâmicos do casamento romântico em contexto capitalista. Ser assumida através do matrimônio é uma honraria almejada por qualquer moça de família, educada exclusivamente para este fim até o século XX. Com efeito, tal evento funciona como evidência de que o amor se trata de um artifício histórico, construído de acordo com o modelo monogâmico das relações sexual-afetivas e com o regime capitalista que regula o pensamento social e primeiro serve a uma ordem burguesa. Nas palavras de Costa, inspiradas em Solomon,

O amor não é um sentimento que existe fora do seu tempo e espaço. É uma emoção histórica, culturalmente codificada e sujeita às transformações impostas pela variação das circunstâncias. O amor é uma forma de interação emocional e de construção de identidades pessoais totalmente moderna. Ele envolve idéias específicas sobre sexo, gênero, casamento, impulsos biológicos, sentido da vida etc. que só começam a se difundir e ganhar credibilidade a partir do século XVII. (SOLOMON, 1991, p. 205 *apud* COSTA, 1998, p. 202)

Assim, sendo um fenômeno historicizado, o amor romântico não deve possuir caráter fixo. Ao longo das gerações é comum presenciar uma mudança

na forma de encarar o relacionamento com o parceiro e o que era considerado moralmente incorreto numa época, noutra pode não ser visto necessariamente sob a mesma ótica. No julgamento de Jurandir Costa, “O amor romântico tem apenas dois ou três séculos de existência. É uma emoção filha do ‘individualismo afetivo’, da privacidade e da intimidade burguesa e não tem porque ficar imóvel quando seu chão cultural se deslocou imensamente do ponto de origem” (COSTA, 1998, p. 205).

De forma similar, a produção do gênero também desfruta da influência de instituições legitimadoras que regulam, desde muito cedo, o comportamento identitário dos sujeitos. Teresa de Lauretis, professora e historiadora feminista, acredita que o gênero deva ser visto como algo além da diferença sexual, isto é, é necessário lidar com um conceito que seja próximo do que foi postulado por Michel Foucault, reconhecendo que também o gênero é fruto de tecnologias sociais, de discursos, de epistemologias e de práticas críticas institucionalizadas (LAURETIS, 1994, p. 208). Na visão da autora:

Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política” (LAURETIS, 1994, p. 208).

A professora lida com o gênero como uma construção que é resultado de vários aparelhos tecnológicos de representação, como o cinema e as teorias acadêmicas, ou seja, a construção do gênero ocorre sob a perspectiva das instituições de poder. Não sendo só isso, assim como a teoria do sexo único, o gênero também é guiado a partir de um modelo preterido como ideal: o gênero masculino. Para a autora:

Acredito que para pensar o gênero (homens e mulheres) de outra forma e para (re)construí-lo em termos outros que aqueles ditados pelo contrato patriarcal precisamos nos afastar do referencial androcêntrico, em que o gênero e a sexualidade são (re)produzidos pelo discurso da sexualidade masculina. (LAURETIS, 1994, p. 227)

Assim, observa-se que os três elementos, sexualidade, amor e gênero, que carregam a mística de manifestação biologicamente moldada pela natureza são, na verdade, resultado de tecnologias sociais que representam ideologicamente um tempo político cultural. Como pontuou Costa, o caráter invencionista do amor romântico faz lembrar a tecnologia sexual à qual se dedicou Foucault e também se tornou fonte teórica para a ideia de tecnologia de gênero apresentada por Lauretis. Assim, de acordo com as asserções de Costa, é possível afirmar que o amor romântico, visto durante muito tempo como sentimento não teorizável devido ao seu caráter imanente e subjetivo, se trata também de um aparato tecnológico que nos foi ensinado ao longo do tempo.

A produção literária feminina e o amor romântico

Para Carla Cristina Garcia, “o feminismo é uma consciência crítica que ressalta as tensões e contradições que encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal” (GARCIA, 2015, p. 14). Assim, o objetivo de uma leitura crítica feminista é apontar pensamentos e atitudes que recaem sobre a mulher devido ao seu gênero e como o pensamento dominante universalizado costuma ser masculino. Para além disso, Adriana Barbosa (2011,) sinaliza o quanto é necessário pensarmos na literatura produzida por mulheres como um espaço para observar as representações identitárias de gênero, uma vez que “embora escrevendo com diferentes dicções, boa parte da literatura escrita por mulheres no Brasil ainda toma por temática a condição feminina [...]” (BARBOSA, 2011, p. 95-96). Assim, o falar de si é, portanto, comum à literatura escrita por mulheres.

Se na literatura medieval o amor cortês era patrocinador de uma grande exaltação da figura feminina, retratada pelo amado como quase inalcançável, na literatura de Rachel de Queiroz e Heleusa Câmara o amor romântico ainda desfruta desse caráter impossível, mas com a diferença de ser contado pela visão da mulher. Como será possível observar, o amor aqui é

dotado dos artigos de fé mencionados por Hunt e é obrigado a dialogar constantemente com a imposição patriarcal.

As protagonistas dessas autoras se tratam de mulheres heterossexuais que volta e meia observam que seus sentimentos em relação a algum homem tornam-se centrais em suas vidas. Portando graus de escolarização e crítica da cultura diferentes, elas encaram o amor romântico sob perspectivas variadas e nem sempre priorizam o próprio bem-estar.

A personagem de Rachel de Queiroz, Conceição, do romance regionalista *O Quinze* (1972)⁵ é uma professora de 22 anos que faz leituras críticas referentes à sociologia e à condição da mulher. Conceição recusa se casar e aceita de bom grado o seu destino como “solteirona”, mesmo sendo apaixonada por seu primo Vicente. No começo do romance já é possível observar um pouco do perfil da personagem:

Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais *idéias*, estranhas e absurdas à avó. Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso idéias e preconceitos próprios, às vêzes largos, às vêzes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa. (QUEIROZ, 1972, p. 31, grifo da autora)

Assim, percebe-se uma personalidade subversiva de Conceição que tende a desafiar tanto as imposições de gênero como as demais normatizações sociais. *O Quinze* possui um protagonismo compartilhado entre a realidade de Conceição e as amarguras da grande seca de 1915, protagonizadas por Chico Bento e sua família de retirantes. Rachel de Queiroz foi grandemente celebrada devido à magnitude da obra, cuja maior das características pode ser a de fazer chocar o leitor com pouco uso de adjetivação e narrativa direta. Tendo chamado atenção para si durante a segunda fase do Modernismo brasileiro, Rachel logo vem a representar muito bem o frescor de ideias novidadeiras que o movimento demandava e, após dúvidas quanto à sua capacidade de autoria do romance, foi louvada como “grande escritor

⁵ Romance publicado originalmente em 1930, na segunda fase do movimento modernista brasileiro, que chamava atenção para as temáticas regionalistas.

brasileiro”⁶, graças à maestria de sua narrativa e sua capacidade de percepção das necessidades nordestinas.

É fato que a realidade da seca ofuscou, aos olhos universalizantes dos críticos masculinos, as peculiaridades de Conceição, principalmente no que tange ao seu caráter contestador da ideologia dominante. Para Van Dijk (2010), ao mencionar a estrutura ideológica devemos compreender que uma

[...] estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo (VAN DIJK, 2010, p. 48).

Com base nisso, entende-se aqui que o regime patriarcal e suas ideologias são pertencentes aos interesses do grupo dominante. Em uma definição radical de Dolores Reguant, Carla Garcia explica o que vem a ser esse regime:

Forma de organização política e econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o domínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. (REGUANT *apud* GARCIA, 2015, p. 16-17)

Estando, portanto, entrelaçado em instituições diversas do poder social, o patriarcado controla com grande força o regimento da cultura, entretanto, ele não opera em absoluto silêncio por parte das pessoas que subjugam. Como se nota, Conceição é uma personagem que porta o dom da contestação e para além das questões já mencionadas, a moça ainda problematiza o modo de agir do amor romântico.

Mesmo estando apaixonada, Conceição levanta todos os aspectos contrários à sua felicidade amorosa e os compreende como determinantes para seu ingresso ou não em uma possível felicidade afetiva. Julgando Vicente como alguém muito diferente de si própria, a professora reconhece que não

⁶ Rótulo consagrado pelo crítico literário Augusto Frederico Schmidt em nota crítica que homenageava a autora na 8ª edição de *O Quinze* e chamava atenção para o fato de uma mulher conseguir fugir “[d]o pernosticismo, [d]a futilidade, [d]a falsidade da nossa literatura feminina” (SCHMIDT *apud* QUEIROZ, 1972, p. 7).

seria feliz ao lado do primo e parece ter noção daquilo que foi afirmado por Jurandir Costa: que o amor depende, na verdade, de circunstâncias específicas para acontecer. No caso do inalcançável casal, a discrepância intelectual parece ser o principal alimento do abismo que os separa. Para Vicente, por exemplo, existe o medo da prima o tratar com a mesma arrogância que o seu irmão acadêmico o trata:

De começo o intimidara. Supôs que o visse com o mesmo olhar de superioridade meio compassiva usado pelo irmão, quando falava de sua existência de cidadão *blasé*, e aludia às suas preocupações intelectuais. E no seu orgulho áspero, como uma porta hostil que se fecha, fechou-se a qualquer intimidade com a prima, doendo-lhe que ela também o julgasse incapaz de uma sensação delicada, de um mais alto interesse nesta vida, que não fôsse vaquejar ou nadar. (QUEIROZ, 1972, p. 57, grifo da autora)

De forma similar, Conceição, imaginando como poderia ser um relacionamento com Vicente, também rejeita o rapaz pelo mesmo motivo:

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse “é” distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... (QUEIROZ, 1972, p. 84-85)

Porém, mesmo recusando o envolvimento amoroso, a professora não está isenta de um dos aspectos tóxicos apontados por Jurandir Costa a respeito do amor romântico. Mesmo não estando em um relacionamento com Vicente, a jovem sente ciúmes dele apenas por ouvir boatos de que o primo estaria a envolver-se com outra mulher. Assim, percebe-se que, mesmo tentando racionalizar o amor, a personagem ainda sofre influência da construção romântica ocidental e oferece a si mesma um tratamento masoquista alimentado pelo sentimento de insegurança e necessidade de posse sobre o outro, mesmo quando ela escolhe rejeitar este outro.

Conceição se mostra crítica em relação aos três últimos artigos de fé do amor romântico. Ela se mantém racional durante a fase de apaixonamento, livrando-se da cegueira sentimental que a faria esquecer os defeitos do amado e compreender que o amor deles, mesmo com tantas diferenças, poderia “tudo vencer”. Porém, como já dito, o primeiro artigo de fé ainda vitimiza Conceição

que, mordida pelos ciúmes, faz disso mais um motivo para não se envolver com o primo uma vez que para ela deveria existir exclusividade afetiva por parte de Vicente, mesmo que os dois não estivessem juntos:

- Muito boa rapariga. É quem cuida de minha roupa.
- É!... – E Conceição, furiosa com a incompreensão verdadeira ou fingida, e com o sossêgo dêle, concentrou nesse “é” tôda a sua ironia despeitada. Mas não pôde ir mais longe por causa da presença da avó... Cínico! Cínico! (QUEIROZ, 1972, p. 82)

Vê-se, portanto, a lógica da propriedade privada operando sobre a maneira de Conceição encarar o amor. No geral ela recusa o sentimento, mas ainda assim, sabendo da problemática que poderia enfrentar ao engatar um relacionamento, sente sobre si os efeitos da ideologia amorosa possessiva que a faz sofrer mesmo por uma dor que não deveria ser sua.

As personagens de Heleusa Câmara, por sua vez, são mulheres que não experienciam a realidade intelectual, possuem pouco ou nenhum estudo, são mulheres pobres e que não dedicam nenhum olhar crítico ao amor. Vinda da cidade de Vitória da Conquista, no sudoeste baiano, Câmara reúne na coletânea de contos *Mulheres Acorrentadas* (1982), histórias de mulheres interioranas que estão atadas à moral amorosa patriarcal.

Por exemplo, a protagonista do conto *As lutas de Loura* é uma mulher que, aspirando o sonho do casamento, casa-se com o homem que ama e logo tem um filho. A felicidade de Loura logo chega ao fim quando o marido perde o interesse sexual que sentia por ela, devido ao seu emagrecimento durante a gestação. A partir daí, dá-se início à rotina conturbada do casal que se resumia às traições de Pedro e perseguições desesperadas de Loura para com as amantes do marido.

Ter se apaixonado por Pedro na verdade foi uma consequência da imposição social e moral que exigia que a mulher se casasse cedo. Loura não possuía o sonho do casamento, não aspirava a maternidade e desprezava os ciúmes que presenciava nos relacionamentos de suas irmãs:

Loura começou a se preocupar. Suas irmãs estavam casadas. Vidas medíocres, “ciumando” dos maridos raparigueiros, cuidando de meninos doentes, prenhas de dois em dois anos. Nada disso a fascinava. Como

caçula tinha vida melhor. Sua madrinha freqüentava o Clube Social, e de vez em quando a levava. Aquilo valia muito, e acendia a esperança de que um dia pudesse conhecer um homem rico, bonito, que se apaixonasse por ela. Mas, qual?! O tempo passando, os janeiros chegando, até que ela se viu com vinte e cinco anos e solteira... (CÂMARA, 1982, p. 24)

Além disso, se sobressai aqui o vínculo entre o interesse amoroso e o financeiro. O amor e o casamento são compreendidos como complementares ou complementadores do interesse do capital. É sabido, pois, que durante muito tempo o sentimento romântico fora substituído por interesses econômicos, bem como o vínculo afetivo pôde facilmente ser negociado por este. O que se observa aqui, portanto, é uma protagonista que presencia, logo de cara, duas frustrações advindas do patriarcado. Primeiro, a sua idade, detalhe que estaria ficando obsoleto para o sistema que prioriza corpos que estejam dentro do “prazo de validade” da feiticização dos corpos femininos, seja este prazo válido para a maternidade e/ou para o erotismo, uma vez que o corpo feminino de idade avançada costuma ser visto como inútil para esses dois aspectos. A segunda frustração de Loura, por fim, está no fato de não ter se apaixonado ou encontrado o homem rico que sonhava para marido.

Diante do apaixonamento de Loura, não se sabe se Pedro era bonito como ela sonhava, mas sabendo que se tratava de um homem pobre, Pedro era também um indivíduo que não amava conforme as expectativas monogâmicas. Devido às traições do marido, Loura se transformou em quem ela julgava que nunca seria, transformou-se em uma mulher possessiva, guiada pelas dores da insegurança e a falta de atenção afetivo-sexual por parte do marido. Loura teve sua autoestima afetada e vivia por lamentar-se por não atender mais ao padrão de beleza apreciado pelo seu par, que buscava em outras mulheres os quilos que a esposa perdera. Além disso, o adultério de Pedro ainda expôs a mulher a uma infecção sexualmente transmissível:

Foi internado na Santa Casa, onde ficou muito tempo. Loura bordando e pensando no homem com sífilis: “o Dr. falara que doenças venéreas são transmitidas e, portanto, ele devia ter arranjado a moléstia de alguma puta”.

Pedro voltou do hospital e... alegando saúde, fez-lhe carícias, que ela desejara por tanto tempo. Alguns dias depois, Loura adocece. (CÂMARA, 1982, p. 27)

Depois de curada, seu maior desespero passa a ser os ciúmes e necessidade de posse sobre o marido. A partir daí a narrativa dá razão ao título do conto e mostra uma protagonista sádico-masoquista que tem prazer em perseguir e espancar as supostas amantes do marido ao mesmo tempo em que deixa crescer o seu amor por ele. Como afirmou Costa, o amor romântico pode ser um local de competição, violência e grande sofrimento, entretanto, observa-se aqui que esse ciclo alimenta uma obsessão na qual Loura encontra seu prazer.

- Você vai ver o que eu vou fazer com sua puta – diz Loura. Esmurra a porta, que sede ao seu ódio, e, tirando a correia de sola que trazia na cintura, avança para a mulher apavorada.

E batia, e batia, e batia, entre o olhar atônito de Pedro e Zé.

- Loura, você mata a mulher. Ela só tem um pulmão – Diz Pedro, parado, sem coragem de tomar qualquer atitude que não fosse o protesto falado. (CÂMARA, 1982, p. 30)

Três meses após a agressão, a moça falece devido a uma complicação no pulmão, mas mesmo culpando Loura, Pedro segue com a mesma postura no casamento e a obsessão da nossa protagonista aumenta cada vez mais. Se a vida da personagem era ruim com Pedro, pior se tornou depois de sua morte. Pedro é assassinado e Loura se vê obrigada a adentrar outro casamento abusivo, mas dessa vez quem apanha passivamente é ela, uma vez que a possessão ciumenta parte de seu novo companheiro. Loura consegue, por fim, encerrar o ciclo de violência que sofre, mas o faz carregando eternamente a dor da perda de Pedro.

A leitura da personalidade de uma personagem como Loura parece mostrar o pior lado do amor romântico. Completamente entregue a todos os seus artigos de fé, a personagem sabe que sofre e é infeliz, mas ainda prefere manter-se em seu estado sádico-masoquista. A demanda da exclusividade sexual nunca funcionou para Pedro e influenciava diretamente o bem-estar

de sua esposa, que sentia falta do comparecimento do marido e de exercer a sua sexualidade como desejava.

Depois dos efeitos da alta regulação da sexualidade feminina e matrimonial da era vitoriana, a partir do século XIX o sexo já era permitido de maneira menos limitada dentro da família. Segundo Rose Marie Muraro, em um estudo sobre a sexualidade da mulher brasileira, “A mulher devia dar prazer ao marido (mas não muito). O ‘verdadeiro’ prazer, ele o tinha com a outra, a mulher pública, que só por isso, também, era condenada.” (MURARO, 1983, p. 81). Novamente, aqui há o entrelaçamento entre sexualidade, gênero e o sentimento romântico. À esposa cabia o papel biológico da maternidade e a sexualidade deveria ser limitada a atender essa função. Loura, porém, também exigia a sua satisfação sexual e, devido à postura do marido, começava a questionar a própria sensualidade. O amor de Pedro pode não ter resistido à forma monogâmica e exclusivista do casamento, mas o dela apenas transformou-se no amor romântico sinônimo de angústias. São as palavras da própria personagem que resumem esse argumento: “- Menina!... É você?... Que foi que aconteceu?... Pensei que fosse uma velha de sessenta anos com... – *Sofrimento, resultado de um casamento que virou “cagamento”* – respondeu Loura com raiva. (CÂMARA, 1982, p. 27, grifo nosso).

A terceira e última personagem, também da coletânea de Heleusa Câmara, é protagonista do conto *Joana da cata-nica* e assim como Loura, está entregue aos devaneios do amor romântico. Joana é uma jovem negra, analfabeta e empregada doméstica que desde cedo presta serviços domésticos para ajudar a família que, além das dificuldades financeiras, também conta uma desestruturação afetiva graças, principalmente, ao alcoolismo da mãe e do padrasto do momento. Joana faz o que pode para se embranquecer: copia os trejeitos da patroa branca, suas vestimentas e modo de falar, além disso, compra acessórios e uma peruca para esconder seus cabelos naturais.

Joana conhece Edvaldo, homem branco que é motorista da cata-nica na qual ela costuma passear. Os dois começam um namoro e só depois que a jovem já está apaixonada ela descobre que Edvaldo é um homem casado e pai

de família. Num primeiro momento Joana é machucada pela dor da descoberta, mas em seguida começa a disputar com Maria do Carmo, esposa do motorista, pela atenção dele. Joana está tão obcecada pelo homem que o esfaqueia depois de ouvir sua decisão de ficar com a esposa e a família.

- Cachorro, descarado, “me comeu” e não quer mais, me botou na rua, e agora vem com família! Você me paga, nem eu, nem você, nem ela. Edvaldo virou-lhe as costas. Estava livre. Ela que desse escândalo. Ele ia embora. Joana ferveu de ódio. Vai atrás de punhal na mão, e crava-o nas costas do trocador-traidor. (CÂMARA, 1982, p. 18)

Edvaldo não morre, porém o motivo da escolha pela família não foi apenas pelos laços sanguíneos e afetivos e sim pela esperança de uma casa própria, isto é, a realização do sonho da propriedade privada. Contudo, a ambição dos atributos do capital não pertence apenas a Edvaldo. O real interesse de Joana pelo motorista estava no fato de que, pela primeira vez na vida, a jovem seria vista com bons olhos pela comunidade. Caso se casasse com Edvaldo, tivesse filhos legítimos e uma casa própria, além de atingir o sonho do embranquecimento da raça, ela também seria oficialmente um membro da cultura capitalista. Eis a reação da jovem quando descobre que não fora a escolhida pelo amado:

Joana sai sem escutar. Ouvia apenas, casar no civil com Maria do Carmo... Uma casa no nome... Só ela de filha mulher... O riso de Maria do Carmo... Casar no civil, a casa no nome, a risada de Maria do Carmo, casar no civil, uma casa no nome... Passou na loja de seu Nelito e comprou um punhal. No outro dia traria o dinheiro. Guardou na bolsa. Cinco horas?!... Precisava arrumar a mesa para o jantar. (CÂMARA, 1982, p. 17)

Uma coisa é certa: não se pode culpar Joana por desejar desesperadamente aquilo que a cultura exige dela. Desde muito jovem, a moça desejava romper o ciclo que relegava a ela um lugar marginalizado, ela não queria o mesmo destino da mãe ou de muitas jovens negras de outrora, não ficaria contente em interpretar o papel da amante ou da empregada para sempre. O sonho de Joana era, portanto, o mesmo de muitas mulheres negras americanas, que para fugir dos resquícios da escravidão e de um regime segregacionista como o apartheid, viam no amor romântico e no casamento a sua melhor salvação.

Sobre essa expectativa dos negros pela família nuclear monogâmica, tipicamente branca, bell hooks (2014), professora e teórica feminista, explica-nos se tratar, antes de qualquer coisa, de algo moldado no berço do sistema patriarcal capitalista. A autora aponta, por exemplo, as discrepâncias entre as mulheres brancas e o que era prioridade para as mulheres negras. As feministas brancas estavam preocupadas com a melhoria da educação, com sociedades literárias, com a caridade, enquanto as mulheres negras assumiram a pauta geral do movimento negro, que estava preocupado com os idosos e inválidos, com a pobreza, a prostituição e o linchamento da população negra.

Destarte, as mulheres negras, depois de frustradas com o sonho branco sufragista, agora passam a almejar um homem com o qual constituir família, sonham com a casa própria, em ser sustentadas e adentrarem cada vez mais fundo nos luxos que o capitalismo tinha a oferecer, afinal de contas, em um mundo no qual as negras são vistas apenas como objeto sexual, tonar-se esposa e mãe significaria poder se equiparar à realidade branca. Assim, de acordo com bell hooks, a população negra estadunidense aspira o modelo nuclear de família como parte do sonho capitalista e patriarcal.

O fato é que, como consequência, o amor romântico se torna um elemento imprescindível para o sucesso do plano capitalista para a família. Joana, porém, acaba por não adentrar esse sonho com Edvaldo, pois ao ser rejeitada por ele e com o passar do tempo, descobre estar grávida do motorista. A moça interrompe a gravidez por sua conta e risco e atira o feto na cisterna da casa de Evaldo e Maria do Carmo como forma de vingança. Aqui, novamente, se reafirma o ressentimento da personagem por não ter conseguido alcançar o modelo nuclear da família monogâmica. Ao atirar o que seria o seu filho na cisterna, Joana profana a casa do casal, assim como Edvaldo profanara o seu corpo e seu coração.

As idas e vindas do relacionamento antes da decisão final do motorista revelam uma Joana capaz de qualquer coisa, acreditando cegamente no artigo de fé do amor romântico que presume que o amor tudo suporta, até mesmo

vencer a condição de amante. Joana passa por uma fase de falta de racionalidade devido ao apaixonamento, mas com o fim do relacionamento resolve mudar de tática e dedicar a sua atenção apenas ao trabalho e ao próprio dinheiro. Depois da vingança e de juntar uma quantia suficiente, a jovem vai embora repleta de novas esperanças, inclusive amorosas: “- Uma passagem para São Paulo no ônibus das 12:45 – diz Joana bem arrumada com a peruca, 10 mil cruzeiros na bolsa, antibiótico, alma lavada!... Entra no ônibus, sorri para o chofer que lhe pisca o olho em troca...” (CÂMARA, p. 23).

Em um estudo psicanalista que tem como base a literatura, Maria Rita Kehl (1996) analisa a personagem Mariana Alcoforado, protagonista de *Cartas Portuguesas*, livro que relata a profana e dolorosa paixão de uma freira e a compara à mulher moderna, sujeito construído em contexto pós-feminismo. A psicanalista registra como a personagem lida com a dor e como é a passagem da mulher do século XIX para a mulher moderna que compreende o amor de outra maneira.

Kehl nos lembra e convida a questionar sobre “uma possibilidade de gozo feminino que as mulheres hoje recusariam: uma tal rendição, uma tal capacidade de deliciar-se com as dores do amor nos parece humilhantes” (KEHL, 1996, p. 89). A provocação da psicanalista está voltada diretamente às mulheres modernas. O fato é que Kehl quer nos lembrar que nem sempre o “modo feminino de amar” fora dessa maneira e que era comum encontrar mulheres que amavam tal qual Mariana Alcoforado, isto é, em uma dependência afetiva masoquista que tirava dessa condição o prazer amoroso.

Segundo Kehl, a protagonista “oferece sua dor como dádiva ao amante ingrato [...]” (KEHL, 1996, p. 90). Com isso, a psicanalista compreende que há realmente um prazer nesse amor masoquista, mesmo que nós, mulheres que nascemos no berço do feminismo, não entendamos. Joana, por exemplo, mesmo depois de descobrir que estava sendo posta no lugar da amante, regozija-se em esperança por pensar que Edvaldo a procurava novamente para reatar o relacionamento, quando, na verdade, desejava o término: “Edvaldo chama para ir ao parque. [...] Pensou em tirar o punhal da bolsa e

guardar no quarto. Que boba que fora! Nozinho estava ‘macumunado’ com Carmo. Ela era mais nova, mais bonita, parecia gente fina” (CÂMARA, 1982, p. 18). Joana não quer ser a outra, mas vive com o desejo de ser a escolhida mesmo depois de já ter sido machucada e usada por Edvaldo.

Porém, a personagem analisada por Kehl, assim como Joana, passa por uma mudança motivada pela rejeição do amado e percebendo que nada sabia sobre si própria, compreende que fora ingênua em seu sofrimento. Segundo Kehl, aqui nasce a mulher moderna. Depois de tanto decepcionar-se com os sofrimentos do amor masoquista, a mulher busca conhecer-se a si própria. Este é, portanto, o nascimento da “mulher-para-si, mulher com consciência de classe, a mulher-recusa-do-falo” (KEHL, 1996, p. 95), isto é, ao final do ciclo, a personagem já não é a que encontra prazer apesar da dor e sim a que apenas tem medo de sofrer e passa a se precaver dessas circunstâncias.

Diante da perspectiva de Kehl, ao retornar para nossa primeira protagonista, Conceição, é possível afirmar que essa “mulher para si”, isto é, a “mulher-recusa-do-falo”, já habita em Conceição. Por ser capaz, talvez muito devido às suas leituras críticas socialistas, de perceber e priorizar os pontos negativos do seu romance com Vicente, mesmo não deixando de ser vitimada pelos ciúmes, Conceição mantém-se consciente e resistente às dores do amor romântico. Diferente das demais personagens, ela não precisou de uma grande e direta dor amorosa para transformar-se na mulher moderna da qual nos fala Kehl.

Por outro lado, Loura rompe um ciclo ao se desvencilhar do seu segundo marido abusivo, mas não consegue livrar-se do sentimento romântico masoquista que sente por Pedro. Loura não só vive com isso para sempre, como também parece encontrar no amor cruel de Pedro toda a emoção que necessita para viver veementemente. Com efeito, ao permanecer em seu estágio de masoquismo, Loura demonstra ainda não atingir a condição da mulher moderna.

Joana, por fim, decepcionou-se grandemente, transformou tal sentimento em raiva e vingança e, com isso, pareceu transitar do estágio

masoquista para o da mulher que está voltada para si. Joana parte em busca de um recomeço, mas não fecha seu coração para as possibilidades amorosas. Não se sabe se ao retornar para os caminhos do amor, ela o fará ou não de acordo com os enlaces do amor romântico, o que sabemos, todavia, é que ao atirar o que teria sido seu filho na cisterna de Edvaldo, a moça retira da dor a sua esperança em um recomeço como mulher moderna.

Considerações Finais

Diante do que foi apontado nesse artigo, percebemos uma diferença na forma das mulheres lidarem com o amor romântico, uma vez que suas personagens são principalmente afetadas pelas angústias do ciúme. É quase uma necessidade para a mulher ter um homem ao seu lado e, quando o tem, ele é visto como uma exclusividade dela. As inseguranças femininas parecem ser sempre renovadas pelo medo da perda e da substituição afetivo-sexual. Superficialmente pode não parecer, mas a lógica individualista do capital penetra até mesmo em nossa forma de amar e notar essa atuação é quase impossível se não problematizarmos o modo de agir do amor romântico.

O grande ponto a ser observado nas protagonistas analisadas é a insegurança causada pelo sentimento de ciúmes. O amor romântico não deixa brecha para que a mulher se sinta confiante frente ao homem, que pode, a qualquer momento, trocá-la por outra mais jovem, mais bonita, mais rica ou atraente sexualmente falando. A competitividade feminina se torna, pois, uma das consequências dessa manifestação amorosa.

Também é relevante mencionar o quanto os artigos de fé do amor romântico parecem sempre permear a lógica amorosa dessas mulheres. Como consequência da tecnologia amorosa que aprendemos, quando as mulheres amam, elas primeiro exigem exclusividade afetivo-sexual e parecem deixar-se conduzir cegamente pela condição de apaixonamento. Uma vez determinado o objeto de amor, elas entendem este homem como a “pessoa certa”, com exceção de Conceição, pela qual vale a pena vivenciar sofrimentos

diversos, sempre tendo no coração a esperança de também serem consideradas como única “pessoa certa” pelo amado. Os defeitos do outro são esquecidos, sobrepujados pelo prazer masoquista de amá-lo.

Além disso, apesar das influências do amor cortês no sentimento romântico, que pregava uma lógica amorosa sinônima de subversão aos costumes do Romantismo, o amor visualizado na vida real, principalmente no século XX, não suporta sobreviver fora da sua vizinhança homogâmica. Os jovens que se amam às escondidas devido à rivalidade entre suas famílias; a mocinha rica que ama proibidamente o rapaz pobre; a mulher casada apaixonada pelo cavalheiro que a trata de maneira sublime. Todos eles são personagens dispostos a se destituir de todos os valores mundanos em prol desse amor. Tudo isso não passa, porém, de aspirações literárias, utopias romantizadas, criadas justamente para reforçar a noção de que o amor tudo suporta, tudo vence, e que uma vez que se passa por isso, tem-se a certeza de ser presenteado com uma alma gêmea genuína.

As aspirações literárias românticas clássicas podem mostrar o amor como o sentimento que se sustenta apesar de todos os pesares, que se trata, como disse Camões, de uma ferida que dói e não se sente, mas quando observamos a literatura das mulheres do século XX, nordestinas, distantes dos privilégios das altas classes protagonistas da literatura romântica, compreendemos que o amor pode se tratar mesmo de uma utopia dolorosa e até mesmo abusiva e, desse modo, nunca sobrevive nos moldes românticos e patriarcais. Portanto, no caso das protagonistas analisadas, afirmamos que elas amam com todo o masoquismo que o amor romântico pode proporcionar.

Referências

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Ficções do feminino*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: A feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CÂMARA, Heleusa Figueira. *Mulheres Acorrentadas*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.

- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.
- HOOKS, bell. Mulheres negras e feminismo. In: *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. Tradução livre para a plataforma Gueto, janeiro 2014. Disponível em PDF em: <https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf>
- KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: Masculino e Feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-24.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: Corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em janeiro de 2020.
Aprovado em fevereiro de 2020.